

PROVIDÊNCIA DIVINA E O SAQUE DE ROMA SEGUNDO O LIVRO VII DA HISTÓRIA APOLOGÉTICA DE PAULO ORÓSIO

DIVINE PROVIDENCIALISM AND THE SACK OF ROME ON THE BOOK VII OF APOLOGETICAL HISTORY OF PAULUS OROSIUS

Bianca Mayumi Saijo¹
Rossana Alves Baptista Pinheiro²

Resumo: O presente artigo busca analisar como Paulo Orósio apresenta o providencialismo divino no livro VII de sua obra *Os sete livros de História contra os Pagãos*. Em vista disso, tentaremos entender as motivações e os métodos do autor, para então nos voltarmos sobre a temática da escrita da história em sua obra. Para tanto, teremos como foco o fatídico Saque de Roma de 410 que aparece como fator determinante em meio aos debates entre cristãos e pagãos que trocavam acusações sobre a crise no Império Romano.

Palavras-chave: Paulo Orósio, Saque de Roma, Escrita da História

Abstract: This article seeks to analyze how Paulus Orosius describes the issue of divine providentialism in the Book VII of his work *The seven history books against the Pagans*. We will focus on understanding his reasons, his methods and the theme of the writing of history in his work. We also focus on the fateful Sack of Rome in 410 that appears as a determining factor in the midst of debates between Christians and pagans who exchanged accusations about the crisis in the Roman Empire.

Keywords: Paulus Orosius, Sack of Rome, the writing of History

Autor e obra

Paulo Orósio pode ser considerado um dos principais personagens do século V. Situado ao lado de Eusébio de Cesárea, Jerônimo e Amiano Marcelino como um dos grandes historiadores da Antiguidade Tardia, nosso autor constituiu-se como importante referência não só para o conhecimento dos eventos mais importantes da história de Roma, mas também para a investigação de elementos constitutivos da escrita da História neste período e na Idade Média, visto que sua escrita serviu de modelo para

¹ Graduanda de História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Integrante do Grupo de Estudos “Poder, autoridade e heresias durante a Antiguidade Tardia e Idade Média”, coordenado pela Profª. Dra. Rossana Alves Baptista Pinheiro. Contato: bsaijo@hotmail.com

² Professora de História Medieval da Universidade Federal de São Paulo, pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos Medievais-Núcleo UNIFESP, pós-doutoranda em História na UNICAMP, professora supervisora do presente artigo. Contato: rossana.unifesp@gmail.com

historiadores posteriores como Otto de Freising no século XII³, sobretudo pelos aspectos de retórica existentes em sua escrita.

Apesar de ser amplamente conhecido, existem poucas informações sobre sua biografia. Segundo as informações fornecidas por Genádio de Marselha⁴, Orósio era originário da Hispânia e sua data de nascimento seria, provavelmente, entre os anos de 375 e 380. Teria, possivelmente, se tornado presbítero antes do ano de 415 e sua ida para o Norte da África teria se dado em cerca de 414⁵, local onde encontrava o então já renomado bispo Agostinho de Hipona. Orósio tornou-se discípulo do bispo e foi por ele considerado um verdadeiro cristão, de comprovada competência e interessado em questões doutrinárias. Segundo uma carta encaminhada para Jerônimo, Agostinho teria apresentado Orósio como uma pessoa que há tempos pedia a Deus que lhe fosse enviada, a fim de que pudesse auxiliar nos trabalhos voltados ao Senhor⁶.

Não há consenso quanto ao motivo de sua viagem para a África. Uma das hipóteses mais provável seria que Orósio teria sido forçado a fugir de sua pátria em busca de paz, devido às invasões bárbaras que começavam a atingir a Península Ibérica em cerca de 409. Tal interpretação baseia-se na seguinte passagem de Orósio:

(...) como eu vi pela primeira vez os bárbaros que desconhecia, como evitei os inimigos, como eu adulei os poderosos, como eu me protegi contra os pagãos, como eu fugi daqueles que queriam me emboscar, e, finalmente, como me escondi numa névoa repentina e escapei daqueles que me perseguiram no mar e me procuravam com pedras e lanças, quase me descobrindo uma vez⁷

Não se tem a data exata da escrita desta passagem, na qual ele cita algumas adversidades pelas quais havia passado. Por isso, outra interpretação possível para esta passagem seria a exposição das razões de sua saída de Cartago, mas, conforme dissemos, ainda não há hegemonia entre os estudiosos sobre este ponto da biografia de Orósio. Outra questão que também poderia explicar a saída de Orósio da Hispânia para a África seria a crise religiosa ocorrida no século V, caracterizada pelo conflito entre cristianismo e paganismo, bem como pela existência de vertentes dissidentes do cristianismo. Mas então, devemos pensar por que a África e Agostinho? Agostinho, nesta época, já parece ter sido uma personalidade de relevância no cenário cristão. Logo, para Orósio, conhecer e aprender seus ensinamentos poderia ser, por si só, um motivo para sua ida⁸.

³ KEMPSHALL, Matthew. *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

⁴ ALBERTO, Paulo Farmhouse; FURTADO, Rodrigo. Introdução. IN: PAULO ORÓSIO. *História Apologética*. Lisboa, Ed. Colibri, 2000. p. 9.

⁵ ROHRBACHER, David. *The Historians of Late Antiquity*. London/New York: Routledge, 2002, p. 136.

⁶ ALBERTO, Paulo Farmhouse; FURTADO, Rodrigo, op cit, p. 15.

⁷ "(...) how I first saw the unfamiliar barbarians previously unknown to me, how I evaded enemies, how I flattered the powerful, how I guarded against heathens, how I fled from those who would ambush me, and, finally, how hidden in a sudden mist I evaded those pursuing me on sea and seeking me with rocks and javelins, even almost seizing me once." In: ROHRBACHER, David, op cit, p. 135.

⁸ ALBERTO, Paulo Farmhouse; FURTADO, Rodrigo, op cit, p. 14.

Tem-se conhecimento de três obras escritas por Orósio. A primeira, escrita logo após sua ida à África, seria intitulada *Commonitorium de Priscillianistis et de Origenis errore*. Desenvolvida a pedido de Agostinho, tratava-se de um memorando que expunha os erros de Priscilianistas e Origenistas, duas correntes que à época eram consideradas heréticas, para que pudessem ser combatidos. Seu segundo escrito foi denominado *Liber apologeticus contra Pelagianos*. Considerada uma ação panfletária realizada enquanto estava na Palestina, para onde fora enviado por volta de 415 com uma carta de recomendação feita por Agostinho para Jerônimo, foi dedicada à defesa de seu posicionamento contra Pelágio, derrotado no debate que realizou com Pelágio durante um concílio. Segundo Paulo Farmhouse Alberto e Rodrigo Furtado, esta obra apresentaria visões divergentes sobre o batismo como fator primordial para possibilitar a salvação⁹.

Por fim, sua obra mais conhecida, intitulada *Os sete livros de História contra os Pagãos*, foi escrita entre os anos de 416-417, provavelmente quando Orósio encontrava-se novamente na África, sob os cuidados de Agostinho. Esta obra é particularmente interessante por trazer uma abordagem sobre o Saque de Roma de 410. Mas antes de nos dedicarmos à sua leitura e análise, precisamos ter em mente as motivações que Orósio possuía para que escrevesse a obra em questão. Neste período, Agostinho de Hipona estava compondo o Livro XI de sua também muito conhecida obra *A Cidade de Deus contra os pagãos*. e mais uma vez, solicitou a Orósio que produzisse uma obra, de caráter historiográfico, de modo a complementar e servir de apoio para suas teses. Orósio, então, realizou uma investigação a respeito das calamidades ocorridas na história romana, interpretando-as como resultado de uma providência divina dirigida aos homens em razão do pecado original. O que deveria ser desenvolvido em um volume acabou ultrapassando as expectativas, e Orósio, em sua escrita, abordou a causa dos acontecimentos históricos para além da utilização factual e produziu uma obra constituída por sete livros no total.

Logo no prólogo, Orósio dedica sua obra a Agostinho, apontando que havia realizado aquilo que lhe havia sido ordenado. Neste momento, já esclarece suas intenções e motivações com a escrita da obra:

Você [Agostinho] me ordenou que me posicionasse em oposição à vazia perversidade daqueles que, estrangeiros à Cidade de Deus, são chamados ‘pagãos’ das encruzilhadas e vilarejos, de lugares do país ou ‘bárbaros’ devido a seus conhecimentos de coisas terrenas. Apesar de eles não conhecerem o passado, ainda assim difamam o tempo presente como a maioria dos saqueadores, por assim dizer, por demônios porque há uma crença em Cristo e no culto a Deus, e cada vez menos culto aos ídolos – você me ordenou que demonstrasse todos os registros disponíveis de história e anais, quaisquer instâncias que eu achei registradas do passado, sobre os fardos da guerra, ou destruições por doenças, ou sofrimentos da fome, ou os horrores dos terremotos, ou inusitadas inundações, ou eclosões terríveis de incêndios, ou cruéis pancadas de relâmpagos e tempestades de granizo, ou até mesmo as

⁹ Ibid, p. 16.

misérias causadas por parricídio e por atos infames, e revelá-los sistemática e brevemente no contexto deste livro¹⁰.

Neste trecho, fica claro que o desenvolvimento do livro foi feito a pedido de Agostinho, tendo como ponto de partida uma questão similar àquela que havia motivado a escrita de *A Cidade de Deus contra os pagãos*: a tentativa de convencer os pagãos sobre a interpretação vigente de que o cristianismo seria o culpado pelas mazelas do tempo presente. Assim, Orósio apontou seu objetivo na escrita da obra, que seria criar uma frente de oposição às acusações dos pagãos. Para tanto, ao contrário de escritores de sua época e de anos anteriores que buscavam na história as glórias de um passado heróico, Orósio utilizou a história para buscar e resgatar os acontecimentos desastrosos do passado no Império Romano sob o comando dos pagãos. Ou seja, Orósio criou um contexto histórico para que a obra de Agostinho se apoiasse, de modo a defender e reforçar a importância e validade do tempo cristão que estava em curso.

Assim, Orósio escreveu uma “história contra os pagãos”, uma vez que sua intenção seria defender os cristãos das acusações pagãs de que a culpa pela crise de Roma deveria ser atribuída à conversão dos cidadãos romanos ao cristianismo. Além disso, buscou provar que o passado romano dominado pelos pagãos seria muito pior do que a situação atual, visto que a palavra de Cristo havia se disseminado e possibilitado uma melhora de condições. Portanto, podemos defender que a obra, além de se constituir como uma forma de retratação, tinha um caráter de apologia ao cristianismo. Houve a necessidade de desenvolver tal contra-argumento, pois após o Saque de Roma de 410, e a conseqüente crise da cidade, diversos intelectuais pagãos escreveram contra os cristãos, acusando-os e dizendo que os deuses antigos estavam extravazando sua ira contra eles, pois haviam sido substituídos pelo falso Deus dos cristãos¹¹. Frente a uma crise que poderia afetar a fé dos cristãos, e ainda com os ataques dos pagãos, os cristãos necessitavam de realizar um esforço teórico, que desse ao cristianismo um lugar favorável no curso dos acontecimentos. Parece ter sido com esta intenção que Orósio e Agostinho escreveram suas obras¹².

Conforme já mencionamos, a escrita destes livros ocorreu no momento conhecido historiograficamente como de invasões bárbaras. Portanto, a escrita de Orósio pode ser inserida no debate historiográfico sobre a queda de Roma e lança luz sobre o papel desempenhado pelos bárbaros na desestruturação do Império Romano. Todavia, parece-nos que sua obra também auxilia na compreensão do debate acerca do conflito entre paganismo e cristianismo já que, enquanto os cristãos procuravam

¹⁰ “You [Augustine] bade me speak out in opposition to the empty perversity of those who, aliens to the City of God, are called ‘pagans’ from the crossroads and villages of country places or ‘heathen’ because of their knowledge of earthly things. Although they do not know the past, yet defame present times as most unusually beset, as it were, by evils because there is belief in Christ and worship of God, and increasingly less worship of idols – accordingly you bade me set fourth all the records available of histories and annals whatever instances I have found recorded from the past of the burdens of war or ravages of disease or sorrows of famine or horrors of earthquakes or of unusual floods or dreadful outbreaks of fire or cruel strokes of lightning and storms of hail or even the miseries caused by parricides and shameful deeds, and unfold them systematically and briefly in the context of this book”. PAULUS OROSIUS. *The seven books of history against the pagans*. I. Prologue.

¹¹ ZECHINNI, G. “Latin Historyography: Jerome, Orosius and the Western Chronicles”. In: *Greek and Roman Historiography in Late Antiquity*. Brill Academic Pub, 2003. p. 320.

¹² A este respeito ver, por exemplo, VAN NUFFELEN, Peter. *Orosius and the Rhetoric of History*. Oxford University Press, Oxford, 2012.

entender os significados dos acontecimentos do presente, os pagãos – opositores da cristianização do Império após Constantino e Teodósio – viam nesse novo tempo um perigo para a continuidade de Roma. Orósio apareceu como aquele que mostraria ao mundo pagão que a culpa daqueles acontecimentos não seria dos cristãos. Com isso, seu objetivo seria demonstrar todos os horrores e calamidades que aconteceram no mundo desde os tempos do pecado original até os dias em que viveu. Demonstraria que a desgraça sempre acometeu a humanidade e, assim, além de refutar as acusações dos pagãos, conseguiria tranquilizar a comunidade cristã, impingindo-lhes otimismo em relação aos acontecimentos.

Como podemos notar pelo título da obra, *Os sete livros de História contra os pagãos* foram constituídos de sete livros. O Livro I abrangeria o período que iria desde a criação do mundo até a fundação de Roma. Dos Livros II a VI, Orósio retrataria os acontecimentos do mundo até o nascimento de Cristo. O Livro VII, objeto principal de nosso estudo, iria do nascimento de Cristo até a época contemporânea do autor. A obra completa apresentaria uma história universal desde Adão, com o pecado original, até o ano de 417, tal qual exposto por Orósio:

Portanto, pretendo falar do período desde a fundação do mundo até a fundação da Cidade; então, até o Principado de César e o nascimento de Cristo, período no qual o controle do mundo permaneceu sob o poder da Cidade, então até os nossos dias. Com isso, como espero ser apto a lembrá-los, acredito necessário divulgar os conflitos da raça humana e do mundo, tal qual foram, em suas várias partes, queimando com males, iluminados com a tocha da ganância, vistos como se de uma torre de vigia [...] ¹³

Em seu livro VII, Orósio apresentou uma cronologia pautada pela sucessão dos imperadores romanos desde Augusto. Tomando como referência a cidade de Roma e os acontecimentos sucessivos ocorridos na cidade, abordou a formação e expansão da comunidade cristã, os pagãos, os bárbaros e como eles passaram a se relacionar. Tentou demonstrar que Deus seria o responsável pelo juízo do mundo, e salientou como estes julgamentos se davam e se expressavam no mundo, fosse com guerras, com pestes, com mortes, de acordo com a expressão da Justiça ou da Misericórdia de Deus. Nesta história, portanto, a cidade de Roma ganhou lugar de destaque, o que fez do Saque de Roma de 410 um momento chave e mesmo motivador para a escrita da obra. Ao relatar o saque, o posicionamento de Orósio sobre os bárbaros, o cristianismo, Roma e a relação que mantinham com a providência divina fica claro.

Orósio concluiu a exposição do Livro VI ressaltando a importância para o nascimento de Cristo do reinado de Cesar Augusto, ocorrido em 752 depois da fundação da Cidade de Roma. Para o historiador, Cristo teria escolhido nascer como cidadão romano, e isto faria com que Roma detivesse um papel nuclear na história. O autor apontou que logo ao nascer, Cristo passaria a ser perseguido por Herodes, rei da Judéia,

¹³ “Therefore, I intend to speak of the period from the founding of the world to the founding of the City, then up to the principate of Caesar and the birth of Christ, from which time the control of the world has remained under the power of the City, down even to our own time. Insofar as I shall be able to recall them, I think it necessary to disclose the conflicts of the human race and the world, as it were through its various parts, burning with evils, set afire with the torch of greed, viewing them as from a watchtower [...]”. PAULUS OROSIUS, op cit, I.1

que acabaria por matar inúmeros meninos na caça desenfreada pelo Salvador do mundo. Percebemos aqui, o primeiro momento em que Orósio traz para o palco histórico o julgamento de Deus:

Logo que o Rei da Judéia, Herodes, tomou conhecimento de Seu nascimento, então, ele determinou que O matassem, e então ele tirou a vida de várias crianças enquanto O perseguia. (...) Assim, com o *princeps* [líder] cometendo pecados contra o Deus sagrado e as pessoas sofrendo de fome, a enormidade da ofensa é demonstrada pelo caráter da punição¹⁴.

Podemos compreender que neste momento também passaria a vigorar a justiça divina contra aqueles que se comportassem de modo pernicioso, ou seja, pecando e contrariando a vontade de Deus, de modo que Herodes, mais tarde, sofreria as consequências de ter perseguido Cristo e matado inocentes. Podemos notar também que o nível da punição variava de acordo com o tamanho da ofensa cometida contra Deus, possuindo assim um leque amplo de possibilidades para a intervenção divina.

A escrita da história

Para o encaminhamento de sua pesquisa, Orósio utilizou diversas fontes historiográficas, entre as quais constavam as de caráter cristão como Eusébio de Cesaréia, Justino, e a própria Bíblia, e, por outro lado, utilizou também outras de viés pagão como Suetônio, Tácito e Floro¹⁵. Uma vez que sua intenção era defender o cristianismo das acusações pagãs e também reforçar o cristianismo entre seus adeptos, ao utilizar os dois tipos de fontes, reforçou ainda mais sua contra-argumentação. Ou seja, Orósio dirigia-se tanto a pagãos quanto a cristãos, abrangendo o alcance de seu discurso, de modo a possibilitar a construção de uma narrativa histórica em que podemos enxergar seu caráter de historiador.

Orósio realizou uma escrita da história atenta ao plano teológico, sem, contudo, deixar de considerar o âmbito da história secular, para que pudesse utilizar os fatos como ilustração e comprovação de seu posicionamento, ao mesmo tempo em que assegurava um sentido transcendental para a história. Tendo em vista os acontecimentos recentes em seu tempo, buscou na história as soluções e as causas dos distúrbios do presente e do que estaria por vir. Para apresentar os acontecimentos como instrumentos para a apologia ao cristianismo, e a historiografia como uma interpretação da história no plano teológico, usou de uma metodologia que consistia em selecionar e condensar informações que fossem pertinentes aos seus interesses. Além disso, pode-se perceber elementos retóricos conduzindo sua escrita quando, por exemplo, Orósio confessou que usaria da necessária brevidade – visto que apresentaria uma história de longuíssima

¹⁴ “For as soon as the King of Judea, Herod, had learned of His birth, then, he determined to kill Him, and he, then, put many little ones to death while pursuing the One. (...) Thus, with the *princeps* sinning against the Holiness of God and the people seized by famine, the enormity of the offense is shown by character of the punishment”. PAULUS OROSIUS, op cit, VII.3.

¹⁵ ALBERTO, Paulo Farmhouse; FURTADO, Rodrigo, op cit, p. 25.

duração – sem, contudo, deixar de apresentar alguns acontecimentos ou se render à obscuridade¹⁶.

Portanto, para refletirmos acerca da escrita da história na obra de Paulo Orósio, é necessário conhecer qual tipo de escrita era vigente na época. Segundo afirmou Peter Van Nuffelen, os historiadores e homens do período eram instruídos em uma cultura retórica, cujos métodos possibilitavam o desenvolvimento da escrita, de modo a constituir uma narrativa que cativasse o leitor¹⁷. Entre as técnicas da retórica estariam comparação, contraste e sincronismo, todas presentes na obra de Orósio. Na época, parece ter sido comum a ideia de que o presente era pior que o passado, devido à necessidade de se exaltar um passado glorioso romano¹⁸. Isto demonstra que, para a prática da retórica, era também importante adotar um ponto de referência para a comparação.

E seria neste ponto de vista que se apoiaria os argumentos dos pagãos contra os cristãos, uma vez que alegavam que a crise de Roma havia se iniciado após o cristianismo alcançar lugar de poder no Império. Deste modo, enalteciam um passado glorioso em que Roma era governada por pagãos. Orósio criticaria a forma como o passado era encarado na conjuntura de sua época, e em sua obra realizaria um contra ponto, fazendo então referência a um passado que apresentava calamidades e guerras, um passado que sempre seria pior do que o presente. Ao inverter o juízo de valor na relação passado-presente-futuro, podemos dizer que seu texto teria uma perspectiva triunfalista, ao aliar e destacar o triunfo de Roma ao do cristianismo. Podemos pensar nesta questão quando Orósio diz o seguinte:

(...) a misericórdia de Deus parecia ser de louvar e exaltar, desde que mesmo com nosso enfraquecimento, muitas pessoas estariam recebendo o conhecimento sobre a verdade, a qual certamente eles nunca teriam descoberto exceto por esta oportunidade. Que perda é essa, para um cristão que está sedento pela vida eterna, ser levado deste mundo a qualquer hora e de qualquer modo?¹⁹

Neste trecho, podemos pensar que, para Orósio, a conversão dos bárbaros seria fator primordial para a expansão do Cristianismo, para o triunfo de Roma e, logo, para a salvação dos homens e do Império. Para o autor, a palavra de Deus se espalharia por mais que cristãos morressem em perseguições e conflitos, e isto só resultaria no alcance maior do cristianismo e na criação de mártires. Também, é possível perceber que tal encaminhamento era oriundo da misericórdia divina, uma das formas que parece ter

¹⁶ A este respeito, ver VAN NUFFELEN, Peter, op cit.

¹⁷ VAN NUFFELEN, Peter. *Orosius and the Rhetoric of History*. Oxford University Press, Oxford, 2012. p. 53

¹⁸ Ibid, p. 54.

¹⁹ “(...) the mercy of God would seem to be worthy of praise and to be extolled, since, even if with our own weakening, so many peoples would be receiving a knowledge of the truth which, surely, they could never have discovered except with this opportunity. For what loss is it to the Christian who is eager for eternal life to be taken away from this world a any time and whatever means?” PAULUS OROSIUS, op cit, VII.41.

sido encontrada por Orósio para expressar a providência divina na história. Por isto, falamos em história triunfalista, uma vez que para Orósio, o cristianismo não iria acabar. Ao contrário, parece que Orósio era um defensor de que o cristianismo estava em processo de expansão.

Peter Van Nuffelen sustentou ainda que, para Orósio, a retórica não deveria servir para criar narrativas fictícias, mas sim para apresentar ao leitor a história de uma maneira em que ele se sentisse presente no momento dos acontecimentos. Ou seja, a retórica auxiliaria na busca por uma melhor forma de se escrever e expor a verdade, sem que se perdesse de vista sua veracidade²⁰. Orósio criticou também aquilo que os romanos tomavam como exemplo do passado, levando à consideração de que o uso da retórica afetava a percepção sobre o passado e, conseqüentemente, sobre o presente²¹. E para lidar com estes exemplos que já estavam permeados na sociedade, em sua escrita, Orósio teria exercido dois tipos de ações: suprimiu o exemplo de modo a torná-lo indesejado, ou então o destacou, enfatizando que não seria algo que merecesse ser admirado. Também destacou aquilo que julgava que merecia ter recebido a devida atenção, mas fora ignorado.²² Para Matthew Kempshall, Orósio estava ciente dos riscos que corria ao fazer uma história resumida, mas o que ele queria apresentar a seus leitores era o significado de alguns acontecimentos e não apenas demonstrá-los²³. Desta maneira, podemos pensar que sua obra teria um caráter mais analista do que demonstrativo ou narrativo.

Ao ressaltar a importância da retórica na escrita da história durante a Antiguidade Tardia e Idade Média, Kempshall dialogou com Van Nuffelen e falou a respeito da introdução do paralelismo na escrita da história de Orósio. Com o uso do paralelismo, Orósio traçaria uma linha que situaria lado a lado dois eventos situados em momentos diferentes da história. Podemos ver o emprego desta técnica, por exemplo, quando Orósio apresentou, por um lado, as pragas que assolaram o antigo Egito, comparando-os com os desastres que acometeram a Roma pagã²⁴ como podemos ver abaixo:

Os dois povos servem ao mesmo Deus; os dois povos possuem a mesma causa. A sinagoga dos israelitas foi subjulgado pelos egípcios; a Igreja dos cristãos foi subjulgado pelos romanos. Os egípcios promoveram perseguições; os romanos também promoveram perseguições. No caso antigo, dez mandamentos foram enviados a Moisés; por último, dez éditos foram feitos contra Cristo; No caso, várias pragas atingiram os egípcios; e por fim, várias calamidades atingiram os romanos²⁵.

²⁰ VAN NUFFELEN, Peter, op cit, p. 143.

²¹ Ibid, p. 69.

²² Ibid, p. 70.

²³ KEMPSHALL, Matthew S. *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester: Manchester University Press, 2011, p. 73.

²⁴ Ibid, p. 67.

²⁵ “Both people serve the one God; both people have the one cause. The synagogue of the Israelites was subject to the Egyptians; the Church of the Christians was subject to the Romans. The Egyptians carried on persecutions; the Roman also carried on persecutions. In the former case, ten refusals were sent to Moses; in the latter, ten edicts were directed against Christ; in the one case, various plagues struck the Egyptians; in the latter, various calamities struck the Romans.” VII.27 (P. 325)

Podemos considerar que este paralelismo entre Egito e Roma, entre a sorte dos judeus e a dos cristãos, comporta também a exposição de uma ação divina existente na história dos egípcios e dos pagãos romanos. Ao fazer comparações pontuais e ter como alvo principal a crença em deuses pagãos, Orósio ressaltou e equiparou as perseguições aos judeus e aos cristãos, promovidas por estes reinados e parece ter dado mais corpo à sua mensagem ao alertar para a possibilidade da repetição de ações e consequências, reveladas pela história.

Para Van Nuffelen, Orósio pretendia mostrar aos seus contemporâneos a verdade que a cultura retórica não deixava aparecer: no caso, as desgraças que assolavam o mundo e o Império Romano no passado. Entretanto, embora Orósio tenha criticado o fato de a retórica servir ao enaltecimento de um passado glorioso e de, com isso, obscurecer a perspectiva do presente daqueles que mantinham um lugar de prestígio no Império²⁶, Orósio também não se desvinculou desta cultura. muito pelo contrário. Utilizou-a a favor do cristianismo. Conforme apontamos, ele se utilizaria desta mesma técnica para desenvolver sua escrita como uma maneira de demonstrar a história por uma perspectiva que favorecesse o cristianismo e os tempos cristãos. Segundo Van Nuffelen, o próprio Orósio admitiria que, anteriormente à sua pesquisa, acreditava nos argumentos pagãos sobre Roma e seu esplendor. Mas, após realizar seus estudos, o autor passaria a enxergar a história de outro modo, considerando o presente como superior ao passado²⁷ ainda que os tempos presentes fossem o palco, justamente, do saque de Roma por Alarico.

Providência divina e o Saque de Roma de 410

É necessário compreender o que Orósio quer dizer com providência divina e como a retratou, quais foram as maneiras em que mostrou sua manifestação e em quais ocasiões. Se considerarmos a providência como uma aparição de Deus na história, podemos perceber que Orósio a relacionou tanto como exercício de Sua justiça, quanto como de Sua misericórdia. Esta aparição de Deus na história secular parece estar vinculada aos fundamentos da própria história, tal qual defendido por Orósio. Conforme vimos, Orósio considerava que a existência da história estaria vinculada ao pecado original e ao fato de todos os homens serem pecadores e tenderem ao pecado. Neste sentido, parece possível relacionar o problema da providência divina ao pecado, uma vez que como defendeu Agostinho²⁸, o mal não poderia ser considerado em si mesmo, por constituir a ausência de Bem. Ou seja, o mal estaria posto na vontade humana e seria o afastamento dos homens de Deus. Poderíamos pensar, então, que Orósio tinha em mente a perspectiva agostiniana sobre o mal ao considerar o próprio pecado como fonte da história, relatar as calamidades e horrores ocorridos na história, e interpretá-los em conformidade com a justiça e misericórdia divinas²⁹.

Assim, a providência divina pode ser vista através de guerras, fome, doenças e desastres naturais. Cristãos morriam de modo sereno e eram salvos com a ação de ventos que os favoreciam na batalha, e derrotavam os pagãos, que morriam de forma

²⁶ VAN NUFFELEN, Peter, op cit, p. 119.

²⁷ Ibid, p. 43

²⁸ A este respeito, ver, por exemplo, SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

²⁹ Sabemos que a temática que propomos neste artigo é complexa e não temos a intenção de esgotar o assunto ou de darmos uma perspectiva definitiva sobre a questão. Nosso intuito com este artigo foi apenas o de lançar hipóteses de pesquisa e sugerir um caminho possível para a leitura da obra de Paulo Orósio.

desonrosa, sofrida, por meio da guerra, fome ou doenças. A passagem a seguir é elucidativa:

Então depois de ele [Teodósio] ter passado uma noite em claro rezando continuamente e depois de deixar poças de lágrimas (...). As flechas dos nossos homens foram atiradas e carregadas pelos ares e sustentados no vazio, muito mais longe do que qualquer humano conseguiria alcançar, que quase não era possível cair em algum lugar sem atingir alguém³⁰.

Após demonstrar sua fé, Teodósio foi recompensado por Deus que salvou a ele e seus soldados de uma emboscada da qual era impossível fugir. Fora necessário um milagre de Deus para que pudessem vencer a batalha. Neste caso, a providência divina aparece como misericórdia devido à fé do cristão. Em contrapartida, ao apresentar o reinado de Valente, ariano, Orósio relatou uma inesperada invasão dos Godos da seguinte forma:

O povo dos Hunos, isolados durante muito tempo em montanhas inacessíveis, movidos por uma raiva repentina, inflamou-se contra os Godos e estes foram expulsos de suas casas, se espalhando para todos os lados. Os Godos, fugindo através do Danúbio, foram recebidos por Valente, sem se fazer nenhuma negociação ou tratado. (...) Então, devido à intolerável avareza do general Máximo, foram levados pela fome e pelas injúrias a se rebelarem, conquistaram o exército de Valente e invadiram a Trácia, assolando tudo com massacres, incêndios e saques³¹.

Vemos aqui, que a invasão dos Godos a Roma pode ser considerada uma intervenção divina por Orósio, uma vez que, dentro da cronologia em que narra no livro VII, os pecadores recebiam o julgamento justo de Deus. Visto que os Hunos foram movidos por “uma raiva repentina”, podemos interpretar que uma força maior – Deus -, os motivou a sair de seu isolamento, provocando, assim, uma reação em cadeia que em seu fim culminou na invasão do império de Valente. Parece-nos que Orósio não considerava os bárbaros como um mal em si, mas situava seu interlocutor diante de acontecimentos construídos com técnicas retóricas. Neste caso, Orósio fez uso de comparações para provar seu ponto de que Deus proveria os homens com justiça, e ofereceu exemplos nos

³⁰ “Then after he [Theodosius] had passed a sleepless night in continuous prayer and after he had left pools of tears (...). The darts of our men, which were shot and carried through the air and were borne through the great void farther than any man could throw, were almost never allowed to fall before striking mark”. PAULUS OROSIUS, op cit, VII.35.

³¹ “For de race of Huns, shut off for a long time by inaccessible mountains, stirred up by a sudden rage burst out against the Goths and drove them in widespread disorder from their old homes. The Goths, fleeing across the Danube, were received by Valens without the negotiation of any treaty (...). Then, on account of the intolerable avarice of the general, Maximus, driven by famine and injuries to rise in rebellion, they conquered the army of Valens and poured fourth over all Thrace, mingling everything with slaughter, fire, and rapine”. PAULUS OROSIUS, op cit, VII.33.

quais o cristão poderia se apoiar e admirar na condução de seus atos, que poderiam, inclusive, culminar no martírio.

Além de fazer referência a imperadores cristãos como Teodósio e Constantino, no livro VII, Orósio apresentou uma sequência de Imperadores pagãos e arianos, que promoviam a perseguição aos cristãos, além de desrespeitarem as palavras de Deus. Se Teodósio foi salvo de uma emboscada, os imperadores arianos e pagãos sofriam de mortes dolorosas e indignas e seus territórios eram invadidos por godos e hunos. Os imperadores cristãos, em contrapartida, venciam as batalhas contra bárbaros e pagãos, muitas vezes apenas com a fé e sempre com o mínimo de derramamento de sangue. Tal interpretação dos acontecimentos pode, mais uma vez, ser respaldada na misericórdia divina, que provia os cristãos tementes a Deus e aplicava sua justiça contra os perseguidores da fé e pecadores. Sua opinião quanto os pagãos fica clara no trecho a seguir:

Para essas pessoas, na verdade, eu poderia responder sinceramente que a raça humana foi criada e estabelecida desde o começo vivendo sob a religião, com paz e sem trabalho árduo, através do fruto da obediência ele poderia merecer a vida eterna, mas tendo abusado da bondade do Criador, que garantiu-lhe liberdade e tornando a benção da liberdade em arrogância, decaindo do desprezo de Deus ao Seu esquecimento. (...) ³²

No último livro de sua obra, portanto, Orósio realizou um panegírico a Deus e ao que chamou de *christiana tempora*, pois as passagens que destacou para constituir sua narrativa sempre tinham Deus como agente e salvador ³³. Podemos dizer que a todo momento Orósio fez referência à existência de Deus no mundo, que não realizava nada que não fosse para o bem dos homens, fosse através de Sua justiça ou de Sua misericórdia. Em vista disso, considerou que este era um tempo cristão porque todos os acontecimentos de sua pesquisa apontavam para isto, tendo em Roma o local propício e único para a disseminação do cristianismo.

Conforme já afirmamos, Roma ganhou lugar de destaque na história de Orósio. Percebemos tal importância, sobretudo naquilo que Van Nuffellen chamou de retórica do sincronismo ³⁴. Esta técnica retórica estaria representada na obra pela teoria dos quatro Impérios, desenvolvida com mais profundidade no livro II. Segundo esta teoria, Roma seria um dos Quatro Impérios existentes no mundo, juntamente com Babilônia, Cartago e Macedônia, em respeito aos quatro pontos cardeais, respectivamente Oeste, Leste, Sul e Norte ³⁵. Segundo Orósio, enquanto os três primeiros estavam fadados a desaparecer, Roma, embora sofrendo assaltos e envolta em calamidades, ainda tinha uma chance de sobrevivência. Com isto, podemos considerar que existe também um caráter cíclico na forma de Orósio conceber a escrita da história, à medida que apresentou a sucessão de

³² “(...) To this persons, indeed, I could truthfully reply that the human race was so created and established from the beginning that living under religion, with peace, and without toil, by the fruit of obedience it might merit eternal life, but having abused the goodness of the Creator who granted it freedom, it turned the gift of liberty into arrogance and descended from contempt of God into forgetfulness of God. (...)”. PAULUS OROSIUS, op cit, VII.1.

³³ VAN NUFFELEN, Peter, op. cit., p. 156.

³⁴ Ibid, p. 49.

³⁵ KEMPSHALL, Matthew, op cit, p. 69.

impérios relacionada à ascensão e queda de poderes. Para defender essa ideia, Orósio tomaria como base o trecho de *Romanos 13*, que dizia que todos os poderes seriam provenientes de Deus. Portanto, podemos dizer que todo Império que não Lhe fosse fiel, sucumbiria. A prova poderia ser encontrada no fato de Babilônia, Cartago e Macedônia não terem sobrevivido, mesmo após terem se constituído como Impérios poderosos. Portanto, ao contrário do que alegavam os pagãos, a conversão ao cristianismo teria dado a Roma uma chance de salvação e de seguir rumo à eternidade. Conforme vimos, no livro VI, Orósio demonstrou que Deus teria preparado o Império Romano para o nascimento de Cristo, e não o contrário. Considerando que era o Império de maior extensão à época e que daria possibilidades de que o cristianismo alcançasse um grande número de territórios e habitantes, era também esse o momento propício para a vinda de Cristo e divulgação da Palavra salvífica. Segundo a teoria dos Quatro Impérios, Roma teria surgido como a prova de que apenas não sucumbiria devido à cristandade ali presente, mas sobreviveria em razão da misericórdia divina. Portanto, toda a história da humanidade antes do auge de Roma, estava dentro dos planos divinos para a salvação.

Neste sentido, como interpretar o Saque de Roma de 410 que parece ter sido um acontecimento crucial na história da Antiguidade Tardia? Sua relevância pode ser entendida quando consideramos que, em 410, os bárbaros chegaram à capital de um Império grandioso e histórico, mas que segundo alguns estudiosos, já dava provas de enfraquecimento³⁶. O impacto do saque de Roma para os contemporâneos pode ser visto, por exemplo, no fato de outro historiador mencionar o episódio em sua obra. Uma breve passagem escrita por Idácio de Chaves em cerca de 469, diz o seguinte: “Alarico, rei dos Godos entrou em Roma, enquanto matanças se faziam dentro e fora da cidade. Pouparam-se todos quantos se refugiaram nos templos”³⁷. Um pouco mais a frente, Idácio apresentou as ações cruéis que os bárbaros faziam contra quem quer que aparecesse na frente deles, ainda que só tivessem se salvado aqueles que nos templos se refugiavam. Orósio parece ter assumido uma perspectiva relativamente diferente da de Idácio sobre o episódio. Em seu Livro VII afirmou:

Enquanto os bárbaros estavam invadindo toda a cidade, um dos Godos, uma pessoa poderosa e cristã, por acaso encontrou numa igreja uma virgem dedicada a Deus e já de idade avançada, e pede *educadamente* para ela ouro e prata (...). Porém, o bárbaro, *movido por um respeito religioso, pelo temor a Deus e pela fé da virgem*, e para reportar estes fatos enviou um mensageiro a Alarico, que de imediato ordenou que os vasos fossem levados tal como estavam para a basílica do apóstolo, assim como a virgem, e com ela que também todos os cristãos que a quisessem acompanhar fossem conduzidos ao mesmo local sob proteção³⁸.

³⁶ A este respeito ver, por exemplo, CÂNDIDO, Marcelo. *4 de setembro de 476: a queda de Roma*. Companhia Editora Nacional, 2006.

³⁷ IDÁCIO DE CHAVES. *Crônica*. Universidade do Minho: Braga, 1995, p. 12.

³⁸ “While the barbarians were rushing hither and hither through the City, one of the Goths, a powerful person and a Christian, by chance found in a church building a virgin, advanced in years, dedicated to God, and when asked her respectfully for gold and silver (...). Now the barbarian, stirred to religious awe by the fear of God and by the faith of the virgin, reported these matters by messenger to Alaric, who immediately ordered that all the vessels, just as they were, be brought back to the basilica of the Apostle,

Aqui, Orósio mostrou que o rei dos godos, Alarico, juntamente com seu exército de bárbaros cristãos, passaram a saquear a cidade, mas de uma forma educada e gentil, por respeito e temor a Deus. O bárbaro que pretendia roubar os vasos sagrados de Pedro, encontrou a virgem que os guardava, e, ao invés de saqueá-los, tornou-se o protetor das relíquias sagradas. Neste acontecimento, e considerando o contexto geral da obra em que está inserido, podemos entender que a invasão de Roma pelos seria expressão de uma providência divina que resultara na proteção e salvação da Cidade, uma vez que os próprios invasores eram cristãos. Mesmo os romanos que não eram cristãos foram salvos unicamente pela fé em Cristo promovida pelos bárbaros, como um ato de misericórdia divina:

Um hino a Deus estava sendo cantada publicamente por romanos e bárbaros, no saque da cidade a trombeta da salvação ressoava longe e alto, que convidava e impelia todos, até mesmo aqueles que estavam em locais escondidos; vinham de todos os lados, juntos aos vasos de Pedro, os vasos de Cristo, ainda que não pela fé (...)³⁹

Este episódio do Saque demonstrou como Orósio via os romanos e os bárbaros. Entre os romanos havia cristãos e pagãos, assim como entre os bárbaros. Atraídos pelos vasos sagrados, todos haviam se curvado e participado do “festejo”, fosse por medo ou por respeito, tendo fé ou não. Orósio defendeu, portanto, a possibilidade de que bárbaros se convertessem ao cristianismo e desempenhassem um importante papel na salvação do Império Romano, mas demonstrou a heterogeneidade religiosa em que se encontravam. Se Alarico era cristão e defendeu as relíquias dos Apóstolos, também encontramos o caso de Atanarico, rei dos Godos, que passou a perseguir entre seu próprio povo aqueles que eram cristãos, elevando estes bárbaros ao posto de mártires e verdadeiros irmãos na fé cristã. Assim, parece-nos que Orósio demonstrou que Roma ainda não possuía uma comunidade cristã homogênea, apesar de apostar em sua franca expansão. Ademais, o episódio do saque de Roma pode ser considerado a maior prova de misericórdia divina que pudemos observar na obra de Orósio.

Visto isso, frente às acusações pagãs, de que Roma estava em decadência apenas devido à cristianização do Império Romano, Orósio demonstrou que, pelo contrário, Deus teve misericórdia de Roma e a poupou do fracasso, diferentemente do que havia acontecido com os grandes Impérios pagãos existidos anteriormente, condenados ao desaparecimento. Conforme dissemos, a obra de Orósio acabou tendo também cristãos como público alvo, pois ao mesmo tempo em que pretendia provar aos pagãos que seus escritores estavam equivocados quanto ao seu próprio passado, procurava dar apoio aos cristãos que poderiam estar perdendo a fé, renovando os ânimos ao possuir esperança de que o futuro seria melhor do que o presente e o passado graças ao cristianismo.

and that the virgin also, and with her all Christians who might join her, be brought to the same place under scort”. PAULUS OROSIUS, op cit, VII.39, grifos nossos.

³⁹ “(...) a hymn to God was sung publicly with Romans and barbarians joining in; in the sacking of the City, the trumpet of salvation sounded far and wide, and invicted and struck all, even those lying in hidden places; from all sides they came together to the vessels of Peter, the vessels of Christ; a great many, even pagans, mingled with the Cristians in profession, although not in faith (...)”. Ibid, VII.39.

Considerações finais

Desta maneira, podemos concluir que a escrita da história Orósio esteve envolvida pela cultura da retórica que ainda vigorava no século V. Todavia, Orósio fez uso dela para atingir conclusões diversas. A seu ver, o passado deveria ser revisto, pois os historiadores e homens de saber do período haviam até então exaltado a glória do passado romano, deixando de lado os acontecimentos que poderiam trazer uma imagem ruim ao Império. Nesta história, a providência divina entrava como um elemento importante, pois em diversas ocasiões Orósio demonstrou a manifestação da vontade de Deus, de modo que seu julgamento fosse conhecido no mundo. E foi nesta teoria que se apoiou para realizar sua defesa contra os pagãos e, como consequência, uma apologia ao cristianismo, tornando-se assim um escritor importante para a cristandade da época.

Uma vez que o Império Romano fora escolhido por Deus para acolher o nascimento do cristianismo, sua capital adquiriu lugar de importância, ganhando valor indispensável na constituição da sociedade cristã e na escrita da obra de Orósio. Assim, o autor tratou da sucessão dos Imperadores romanos, e atribui a Roma um lugar de destaque dentro da Teoria dos Quatro Impérios. Tendo uma visão peculiar a respeito do Saque de Roma de 410, a questão da providência divina toma aqui um significado diferente frente a outros relatos. Isto porque, para Orósio, os Godos envolvidos no saque já eram cristãos, agindo de forma a reforçar a crença no cristianismo e o pacifismo, devido às comemorações que promoveram, praticadas em conjunto entre romanos e bárbaros, tendo a fé em Deus como laço que os uniu.

Portanto, podemos dizer que Orósio foi um escritor de importância inestimável para os cristãos e também para a historiografia, já que sua obra foi crucial para a preservação da comunidade cristã da época e para garantir-lhe um lugar importante no decurso dos acontecimentos. Atualmente, Orósio pode ser considerado uma fonte rica para o estudo do período pela perspectiva que apresentou sobre a comunidade cristã e a cidade de Roma na Antiguidade Tardia.